

# Medo do novo

A dificuldade de manter o interesse dos jovens em sala de aula pode ter origem na competitividade do mercado de trabalho e na insegurança dos professores

Edinaldo Andrade

A dificuldade cada vez maior de chamar a atenção e manter o interesse dos jovens universitários em sala de aula pode ter suas origens na competitividade do mercado de trabalho e na insegurança dos professores. É o que sugere estudo da doutora em educação Evelise Maria Labatut Portilho sobre estilos de aprendizagem.

Especialista em psicopedagogia, educação especial e grupos operativos, Evelise chegou à conclusão, após entrevistar mais de 600 universitários de diferentes áreas, de que o medo da aproximação parece ser um dos principais obstáculos que impedem professores e estudantes de construir juntos o conhecimento.

"O estudante de hoje está com medo da realidade em que vive. Sabe que vai ter uma profissão, mas que o mercado está competitivo e mutável. Do outro lado, também temos um professor com medo de conhecer o aluno, que é diferente daquele que ele gostaria de ter. São dois medrosos, com medo do novo", contextualiza Evelise.

Os detalhes da pesquisa, que resultou em uma tese de doutorado sobre os estilos de aprendizagem defendida em 2003, foram apresentados em junho durante o Fórum Universitário Person,

realizado em São Paulo. Segundo Evelise, o estudante de hoje não vê na universidade uma resposta para essas questões, o que gera o desinteresse em aprender.

A pesquisadora reflete que a cultura do provisório, ou seja, a percepção de que "o que é bom hoje não necessariamente será bom amanhã", gera angústias nos estudantes e também nas universidades, exigindo que as instituições de ensino superior repensem suas propostas. "A insatisfação que vemos nos nossos jovens pode estar ligada ao fato de que está difícil se situar neste mundo de hoje e fazer sua opção. A questão do diploma também não é mais garantia de emprego e eles sabem disso", diz.

O conflito entre o aluno real e o aluno ideal também vem gerando choque entre mestres e estudantes. "Vejo muito professor ainda voltado para aquele aluno que ele gostaria de ter. E o que acontece? Eles entram em choque. O aluno não necessariamente é do jeito que a gente gostaria. O professor tem de ser uma pessoa que saiba trabalhar com questões relacionais, culturais e sociais", defende.

A pesquisadora ressalta ainda que é preciso sempre refletir sobre quem é o jovem que chega à universidade hoje. Já se sabe que ele é mesmo diferente



daquele de alguns anos atrás, principalmente por conta da passividade ou agressividade que apresenta, e os professores têm de estar preparados. "Muitas vezes o professor se coloca na postura de que sabe tudo e o problema é do aluno, se ele quer aprender ou não. Se cada um ficar no seu papel, vamos construir o quê?", indaga Evelise.

O excesso de informação também gera muita ansiedade no estudante, que pode não ver utilidade no que está sendo ensinado, daí o desinteresse, acredita a pesquisadora. Por isso, os professores devem refletir sobre a seleção do conteúdo a ser ministrado e as competências que ele quer desenvolver.

"Um dos grandes desafios hoje é saber qual informação o professor vai selecionar naquele momento. Vivemos uma si-



## Estilos de aprendizagem

O segredo em conseguir a atenção do aluno está também em saber qual é o estilo de cada um. Confira os principais:

■ **Ativo:** aluno que chama a atenção e que participa de tudo. É ligado ao movimento. É curioso e muito irrequeto;

■ **Reflexivo:** faz contraponto ao ativo. Percebe o ambiente primeiro. É mais observador;

■ **Teórico:** precisa de um referencial sobre tudo o que escuta; quer sempre saber os porquês do que se está falando;

■ **Pragmático:** busca utilidade em tudo o que está sendo falado.

tuação muito complicada porque, se você escuta o jovem, ele vai dizer que precisa dar conta de tudo. Isso está gerando uma ansiedade enlouquecedora, quando na realidade não é a quantidade que vai garantir a qualidade do que ele vai aprender", afirma a doutora em educação.

**M**as não basta apenas se aproximar dos estudantes. Na opinião de Evelise, o professor precisa estar atento às diferenças no estilo de aprendizagem de cada estudante. Para saber como o aluno prefere aprender, o professor deve saber que há, basicamente, quatro tipos de estudantes: ativo, reflexivo, teórico e pragmático (veja box). Segundo a especialista, o segredo em conseguir a atenção do

aluno está também em saber qual é o estilo de cada um.

Diferente de qualquer outro instrumento de avaliação, a professora explica que essa classificação não se trata de um teste de personalidade. O método avalia qual o estilo predominante de aprendizagem que o adulto apresenta no momento. "Cada um de nós tem um estilo que predomina mais. Por isso, o professor deve contemplar uma aula que agregue diferentes tipos de estilo", reflete a especialista. Evelise constatou em sua pesquisa de doutorado que o estilo reflexivo predominou em cerca de 80% dos entrevistados. "A questão é: nós vivemos em um mundo reflexivo? Nossas escolas são reflexivas? As nossas aulas são reflexivas?", questiona. Para ela, ser reflexivo está na capacidade de

mudar, quando a pessoa se dá conta de uma situação. É quando se constrói algo a partir do que está vindo de novo.

Outra variante que está sendo estudada pela professora é a influência da cultura no estilo de aprendizagem. "A cultura nos influencia em tudo, no jeito de comer e de se vestir. É uma influência avassaladora. A gente não se dá conta de como somos produto do meio em que vivemos. Somos o desejo do outro. Isso bate com essa questão do jovem com medo", diz.

Quem tiver interesse em descobrir qual grupo se encaixa, basta acessar o site [www.estilosdeaprendizaje.es](http://www.estilosdeaprendizaje.es), que possui as versões em espanhol, português e inglês. Na avaliação, que é autoaplicativa, a pessoa responde a 80 situações de aprendizagem.